



Han-Han-Haes: O clima gerado pelo conflito une a tribo em torno de Saracura

## Índios

# Pataxós só saem mortos

*O cacique Nelson Saracura não aceita nem conversar sobre a remoção do seu povo para outra Reserva. Ele costuma afirmar que só sairá morto de Pau Brasil e confirmou que está muito zangado com Juruna, um parente que trouxe os fazendeiros inimigos para dentro da sua aldeia. "Não aceitamos ser vendidos nem trocados", é a palavra de ordem do cacique, que está preparado para a guerra*

Por Kleber Torres  
Fotos: Mário Queiróz

Intransigente, radical, moleque, menino, agressivo, bom companheiro, violento, até mesmo marginal são alguns dos conceitos que brancos, índios e até o deputado federal Mário Juruna, têm do cacique Nelson Saracura, um homem que não sabe sua idade, "que é mais de 40 anos", com oito filhos e é a mais controversa figura na morosa questão judicial que se desenrola entre os índios Pataxós Han-Han-Haes e posseiros e fazendeiros de Pau Brasil, que disputam uma gleba de 36 mil hectares.

Anjo ou demônio? Isto é impossível se definir com meros conceitos, se levado em conta que todas as pes-

soas têm defeitos e virtudes. Ele apareceu no cenário em meados de 1982, quando dezenas de índios, fortemente protegidos por agentes da Polícia Federal e da Funai, ocuparam a fazenda São Lucas, do agricultor Genner Pereira Rocha, com uma área de 1,2 mil hectares.

A partir daí, começou uma novela de desfecho imprevisível e que pode mesmo resultar num conflito de largas proporções, o que é temido inclusive pelas autoridades de Segurança da área, que têm procurado agir com muito tato na questão, optando por uma conduta diplomática. Por outro lado, como a questão é morosa arrastando-se por mais de dois anos

na Justiça, a tensão reinante na área é constante, e oscila de acordo com a temperatura ambiente.

De instrução quase nenhuma, Nelson Saracura tornou-se líder da comunidade indígena Pataxó Han-Han-Hae por suas ações pessoais e tem conseguido manter-se no cargo com o apoio de uma parte da sua comunidade que o apóia sem restrições. Pelos brancos e por Juruna é visto como o causador da agitação reinante na área e, como sua vida está em perigo permanente, ele anda sempre protegido por pessoas de sua confiança, armadas de tacapes e bordunas.

Para Saracura, ser um líder "é enfrentar problemas e ter coração gran-

CEDI - P.I.B.  
DATA 03/11/88  
COD (PH) 13



mulher a gente tem de ajudar a resolver". Ele acha que a sua escolha como cacique resulta da comunidade achar "que eu sou coerente, mereço toda a confiança e não me vendo. Só os poderes de Deus é que podem fazer eu sair a comunidade, a que não gosto nem de contrariar".

Entende Saracura que o índio não tem medo. Ele diz que não tem interesse de sair da área para desacatar os brancos e denunciou que está tendo em Pau Brasil problemas até com os ciganos, "que devem sair fora desta questão, porque não é bom para eles". O cacique acha que a questão dos Pataxós deve ser resolvida na Justiça "o que nos daria segurança e evitaria conflitos".

Nelson Saracura não aceita nem conversar sobre a possibilidade da saída dos Pataxós para uma outra área como por exemplo, a Reserva de Monte Pascoal, em Porto Seguro, onde dos 22 mil hectares existentes oito mil já estão em mãos dos Pataxós, que vivem naquela área. Tampouco quer a Reserva Biológica de Una e por isto mesmo não teve um bom relacionamento com Mário Juruna, que tem muitas queixas da tribo.

— Esta questão de Juruna — comenta — nós teremos de conversar. Acho que os brancos o traíram ao acompanhá-lo para entrar na Reserva.

Aliás neste incidente saíram duas pessoas feridas e quatro carros que ainda estão no interior da Reserva, foram retidos e muito danificados. No acesso interno da fazenda estão o Jeep WZ-0217, de Pau Brasil; a C-10 WZ-0227; a Kombi diesel AX-1206 de Salvador e o Fiat XR-4677 de Itabuna, que ainda não foram retomados pelos seus proprietários.

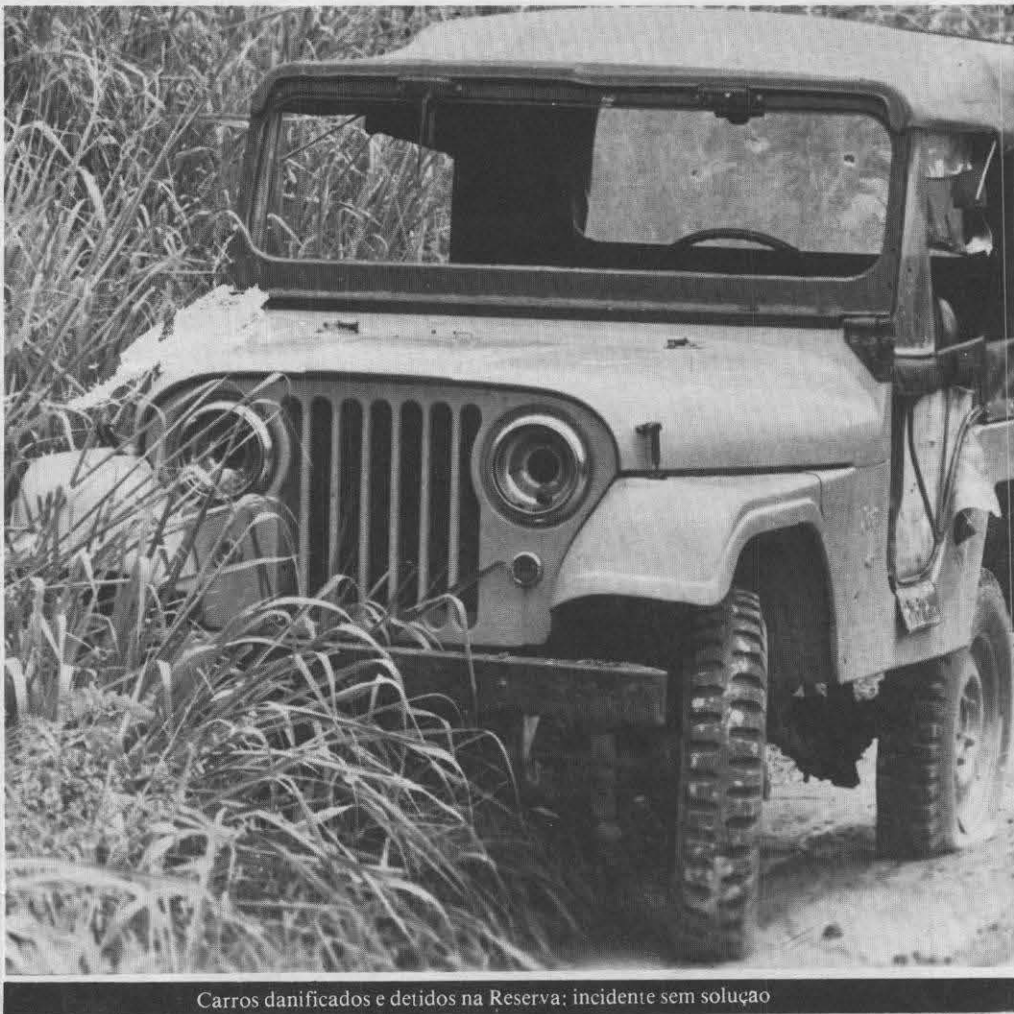
Do incidente por pouco não resultou um conflito, pois, entre os agricultores os ânimos estiveram muito exaltados e entre os índios há ainda uma raiva incontrolada. Além de serem contra os fazendeiros, que inadvertidamente acompanharam uma comitiva de parlamentares ao interior da Reserva, os Pataxós, através de Nelson Saracura, nem sequer escutaram a proposta de Juruna, "porque o que queremos é lutar para ficar nesta terra". Não aceitamos — diz Saracura — ser vendidos e nem trocados, porque não somos ping-pong para ficar daqui pra lá e de lá pra cá. Juruna é meu parente, ele está com raiva da gente

e nós com raiva dele, porque trouxe fazendeiros para nossa terra. Mas tudo poderia ter sido muito pior.

Como cacique ele acorda cedo e na manhã de 23 de setembro passado, por exemplo, levantou de madrugada. Acompanhado por dezenas de índios pintados para guerra e armados de borduna, tacapes e de micaia — facão — tentaram localizar pela madrugada o autor de quase uma dezena de disparos contra a aldeia, que jamais foi localizado.

Este, para Saracura é um problema

ra quem é pobre e é fraco. Jamais vai resolver o problema da comunidade, porque ninguém almoça cacau, nunca vi cacau na mesa de ninguém para almoço". — A fome na Bahia — continua — é por causa da lavoura do cacau que só mata a fome dos fazendeiros. Também é errado dizer que os índios são preguiçosos. O que queremos mesmo é trabalhar porque estas terras são boas. Também não é verdade que o índio vive roubando gado e disso eu não gosto nem de falar, porque é mentira dos fazendeiros.



Carros danificados e detidos na Reserva: incidente sem solução

permanente: "Estamos sendo sempre ameaçados". Neste dia o cacique teve uma reunião com o Conselho da Tribo, integrado por cinco pessoas, e com a equipe de HOJE, falou dos filhos do seu primeiro casamento, Aratimbo, Timborá e Tatuitin, que estão com os parentes em Porto Seguro. Viúvo, ele casou-se com Rosinha e com ela tem uma filha, Clarice, de um ano.

Também não simpatiza muito com a lavoura de cacau, "porque cacau não é bom nem para índio e nem pa-

Ele considera que hoje um dos grandes problemas da fazenda São Lucas, de 1,2 mil hectares e onde vivem mais de 800 índios — homens, mulheres e crianças — tem sido o da falta de água, pois, embora a Sudene tivesse furado um poço artesiano, água ainda é salobra. Para Saracura isto é sério: "Mas a principal preocupação é com o problema da terra". Ele preferiu não fazer comentários sobre a última mudança de presidente da Funai, com a posse do novo titular do



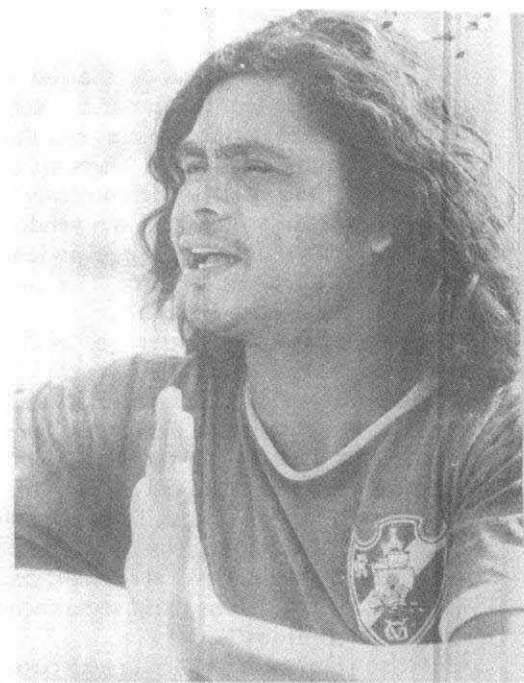
Órgão, Nelson Marabuto.

Funai é muito difícil de compreender. Tem muita gente que é trabalhadora e que agrada aos índios, mas também tem muitos malandros, e isto é difícil de saber porque eu não estou no coração de ninguém.

Quando não está pintado para guerra, Saracura se veste como qualquer trabalhador rural, sem se afastar do facão, um instrumento de trabalho, e nem de um chapéu de abas caídas e largas. Ele anda sempre descalço e às vezes veste também uma camisa

do Vasco, um dos times da Reserva da Fazenda São Lucas.

Para o presidente do Sindicato Rural de Pau Brasil, Pedro Leite, a questão entre índios, fazendeiros e posseiros representa uma aberração pelo modo como a terra foi retomada. Uma operação para militar, com apoio de agentes da Polícia Federal fortemente armados, e que gerou este clima de forte tensão. Para ele a solução melhor é a transferência dos índios para outras áreas "e os fazendeiros estão até dispostos a colaborar nes-



Saracura: não me vendo

## Dois Han-Han-Hães assassinados

Dois assassinatos já ocorreram no interior da Fazenda São Lucas, ocupada pelos Pataxós Han-Han-Haes. O primeiro, foi o do cacique Edísio, morto pelos irmãos Higino e Sebastião. O segundo foi o de Silvonias Trajano da Silva, assassinado a golpes de facão após uma bebedeira, em companhia de Pedro João de França, de Carmelito Trajano da Silva e de Silvestre França.

Estes dois homicídios, embora considerados de rotina numa aldeia onde vivem mais de 800 pessoas segundo os técnicos da Funai, têm uma explicação, segundo a antropóloga Maria Araci Lopes da Silva, da Comissão Pró-Índio São Paulo: "Do ponto de vista político, existem em realidade diversas facções disputando o poder no interior da Reserva".

Araci Lopes foi quem realizou a peritagem antropológica dos índios para a Funai, respondendo a 30 questões formuladas pelo juiz federal Lázaro Guimarães. O documento levanta entre outras coisas, a documentação histórica, que atesta a presença do índio na região desde o século XVII, e foi juntado à documentação arquivada no Museu Nacional do Índio, no Rio de Janeiro, que "atesta a violência da expulsão dos índios".

O laudo por ela elaborado levanta questões relativas à identidade indígena da população: "O que houve, foi que eles, os Pataxós Han-Han-Haes se adaptaram para poder sobreviver, mas não deixa-

ram de ser indígenas. Mantém uma memória da luta do seu povo, o que dá unidade ao grupo e ainda o identifica como um povo".

Reconhece ainda a antropóloga que "há efetivamente pessoas na fazenda São Lucas que não são índios, mas foram assimiladas pelo grupo. E, apesar das pressões e pulverizações da tribo, no sentido de abandono da terra e da cultura tradicional, uma observação atenta com o auxílio da antropologia, nos faz perceber que, a organização social, política e econômica, ou mesmo de parentesco, mostram a sua característica como grupo indígena".

Segundo Araci estas características podem ser vistas a partir da nação territorial de coletividade e comunitária como nas tribos; pela divisão sexual do trabalho, pelo nível de distribuição e regras de reciprocidade e não de economia de mercado, ou seja, sem a compra e venda de mercadorias. O laudo antropológico também levanta questões de parentesco que são típicas nas sociedades indígenas tradicionais, com o frequente casamento de primos e primas.

Explicar por que a questão dos Pataxós Han-Han-Haes em Pau Brasil resultou em um foco de tensão permanente é uma questão muito simples: A Funai, órgão que os tutela, está acionando judicialmente os fazendeiros para retomar uma área de 36 mil hectares, com uma produção média de 500 mil arrobas de cacau e um rebanho de 100 mil cabeças de gado.

ta transferência com a construção de casas e escolas, o que caberia à Funai ter realizado. — O pior é que o clima atual de relações tensas vem se agravando a cada dia e ninguém pode prever como termina isto. Se houver uma nova invasão não temos dúvidas que pode ocorrer um grande derramamento de sangue. Entende Leite, que fazendeiros estão tentando resolver a questão pacificamente, negando que ocorram disparos frequentes contra a Reserva. Ele acusa os índios de roubarem gado em algumas propriedades, inclusive na sua, o que já foi motivo de queixas à Polícia e ao CCPC.

O presidente da Associação dos Fazendeiros do Sul da Bahia, Helenilson Chaves também considera que os fazendeiros estão tendo uma postura pacífica, "pois, se os agricultores quisessem agir com violência ninguém seria capaz de evitar". Ele é de opinião também, que a questão deve ser decidida judicialmente.

Já o agricultor Adnejar Almeida acha que o relacionamento entre índios e a comunidade é dos piores, porque "se eles precisarem de água, ninguém fornece. Emprego, eles não acham em nenhuma fazenda e o mais grave é que estão plantando cereais e hortigrangeiros em escala e não há mercado para absorver esta produção, a não ser nas feiras de Camaca e de Pau Brasil".

Quem parece seriamente empenhado em tentar uma solução negociada, é



O bispo da Diocese de Itabuna, D. Paulo Lopes Faria, que fez uma campanha regional, não muito bem sucedida, para conseguir nas 30 paróquias da Diocese, alimentos, roupas e material agrícola para os Pataxós.

D. Paulo Faria defende o entendimento entre as partes em litígio, vê os índios como muito carentes porque a Funai não lhes pode prestar a assistência necessária e considerou questionável a ida de uma comissão de parlamentares à Reserva para propor a transferência dos índios para outra área, quando a situação está sob 'juízo'. Ele também teme e deplora a possibilidade de ocorrência de qualquer tipo de violência naquela região.

Em Brasília, Mário Juruna reconheceu para os jornalistas que, realizou a viagem para o Sul da Bahia onde esteve no fim de agosto, em avião fretado pelo Sindicato Patronal de Pau Brasil. Ali ele voltou a reafirmar o que havia dito em Itabuna, que a fazenda São Lucas estava ocupada por caboclos e meia dúzia de índios. Também admitiu ter defendido os Pataxós, "inclusive com o risco de uma cassação de mandato", mesmo sem conhecê-los, só percebendo agora, que os índios puros são poucos. Ele fez o seu julgamento ao afirmar que "índio não tem barba, nem bigode, nem cabelos no peito". E ironizou: "Quem cuida de caboclo é o Inca e de índios a Funai".

Juruna também chamou Saracura de menino e de moleque, porque "não respeitou a minha honra". Ele saiu da reserva insatisfeito e hoje, está entre os não aliados dos Pataxós nesta questão morosa.

Tatuitin: pode ser o herdeiro dos Han-Han-Haes



## Como vivem os índios do Sul

Em Porto Seguro, na Aldeia da Barra Velha com 8,7 mil hectares e na Coroa Vermelha, em Santa Cruz de Cabrália vivem hoje cerca de 1,8 mil Pataxós que vivem da agricultura, coleta vegetal e animal, pesca, extração vegetal e da produção artesanal, bem como caça. Entre eles, a agricultura é a atividade dominante, produzida em pequenas roças familiares.

Classificada como uma língua isolada mas nunca sistematizada, segundo relatório da Anai, sobre os povos indígenas na Bahia, a língua originalmente falada pelos Pataxós não é mais utilizada. Atualmente todo o povo fala português regional "fluyente", utilizando-se alguns indivíduos de palavras isoladas — substantivos e adjetivos — da língua tomada de empréstimo aos maxacalis, povo indígena localizado numa região próxima, já no estado de Minas Gerais. A importância deste empréstimo aos Pataxós é tão grande, que eles tendem a reconhecer o Maxacali como a sua própria língua.

Por outro lado o documento da Anai informa que, o território tradicional dos Pataxós da Barra Velha passou, a partir de 1961, com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, a ser objeto de uma disputa prolongada entre os índios e o IBDF, que proibia a caça e a pesca na área, bem como a manutenção de cultivos.

Depois de muitas negociações, o IBDF cedeu 8,7 mil dos 22 mil hectares da Reserva do Monte Pascoal para os Pataxós, que ainda enfrentam, segundo o relatório, muitas dificuldades, pois grande parte dos terrenos que lhes foram oferecidos são impróprios para a agricultura.

Já os Pataxós Han-Han-Haes, Baen-an, Kiriri e os índios de Olivença são hoje etnias profundamente interpenetradas, dando margem a que muitos índios se autoidentifiquem com as denominações dos extintos postos, segundo o documento da Anai. Diz ainda o relatório que eles foram reunidos nos postos Camururu e Paraguaçu, que possuíam originalmente 50 léguas quadradas,

entre as bacias dos rios Pardo e Colônia. Esta reserva foi depois reduzida para 36 mil hectares.

— Um recenseamento em 1976, levantou uma população de 331 indivíduos indígenas nos limites dos antigos postos, agrupados em 44 famílias. Tais grupos indicaram ainda a existência de 162 indivíduos — pais e irmãos —, que viviam fora da área, sobretudo nas cidades e fazendas próximas, alcançando 11 deles áreas exteriores ao Estado da Bahia e outros 74 com destino ignorado.

O documento aponta a omissão da Funai com relação aos índios, chegando mesmo em alguns casos à negação explícita da identidade étnica destes, e demonstrando a intenção em não contrariar os interesses dominantes.

**POLÊMICA** — O deputado França Teixeira, PDS Bahia, tem uma explicação polêmica para a questão dos Pataxós Han-Han-Haes que disputam 36 mil hectares no Sul da Bahia. Para o parlamentar, se os Pataxós têm direitos às terras do Sul da Bahia, os Tupis e os Tupiniquins também devem reivindicar judicialmente Copacabana e Ipanema, além da Barra da Tijuca, onde estavam suas três terras no início do século.

Por outro lado, a questão é tão polêmica, que os advogados Josaphat Marinho e Pacífico Correia Ribeiro têm um livro de teor jurídico-antropológico sobre a "Invasão dos Pataxós no Sul da Bahia". Os dois são advogados de alguns fazendeiros e posseiros da área e procuram com dados por eles coletados legitimar hoje, a posse da terra pelos brancos.

Por outro lado, os fazendeiros de Pau Brasil, Itaju do Colônia, Camaca e Canavieiras, que estão em litígio com os índios criaram a Associação de Fazendeiros do Sul da Bahia, a quem compete defendê-los judicialmente e a realização de campanhas regionais e nacionais, as quais até agora não foram deflagradas. Um dos objetivos da entidade é demonstrar um fato simples: que os fazendeiros não são os vilões da história.